



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA



PAULO HENRIQUE LESCANO DE SOUZA

**ESPORTES DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RECORTE DOS ESTUDOS NO BRASIL**

DOURADOS - MS
2017

PAULO HENRIQUE LESCANO DE SOUZA

**ESPORTES DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RECORTE DOS ESTUDOS NO BRASIL**

Trabalho apresentado a disciplina de Trabalho de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Orientador: Prof. Dr. Mário Sérgio Vaz da Silva.

DOURADOS - MS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S729e Souza, Paulo Henrique Lescano De
Esportes de aventura e suas possibilidades de aplicação nas aulas de
educação física: um recorte dos estudos no Brasil / Paulo Henrique Lescano De
Souza – Dourados: UFGD, 2017.
18f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Mário Sérgio Vaz da Silva

TCC (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação,
Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Esportes de aventura. 2. Esportes radicais. 3. Educação física escolar. 4.
Formação profissional. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

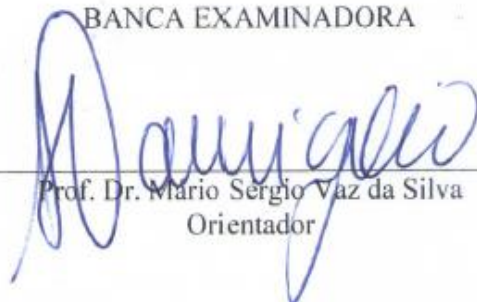
PAULO HENRIQUE LESCANO DE SOUZA

**ESPORTES DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RECORTE DOS ESTUDOS NO BRASIL**

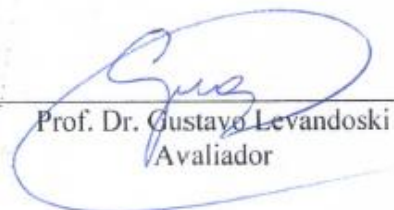
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

() MONOGRAFIA
(X) ARTIGO

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Mario Sergio Vaz da Silva
Orientador



Prof. Dr. Gustavo Levandoski
Avaliador



Professora Me. Vivian Iwamoto
Disciplina de Trabalho de Graduação

**DOURADOS – MS
2017**

ESPORTES DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RECORTE DOS ESTUDOS NO BRASIL

Paulo Henrique Lescano de Souza ¹
Mário Sérgio Vaz da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os Esportes de Aventura no âmbito escolar, bem como seus conteúdos, possibilidades de aplicabilidade de forma qualitativas nas aulas, além das problemáticas referentes ao tema. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em que os resultados foram obtidos mediante busca no banco de dados da Scielo e da Capes por meio de combinações das palavras chaves: “Esportes de Aventura”, “Esportes Radicais” e “Educação Física”. A nomenclatura desta prática corporal varia muito em relação aos autores devido ao fato de ser um tema relativamente novo. Sendo assim, é alvo de preconceitos sociais em relação aos praticantes. A maioria das instituições de formação em Educação Física não abordam o tema, fazendo com que os profissionais sintam uma insegurança em trabalhar estes conteúdos na escola. Concluiu-se com esta pesquisa que os Esportes de Aventura possuem um relevante aporte de conteúdos. Sendo que as dificuldades ou inseguranças remetidas à aplicabilidade desta modalidade se dão ao fato da falta de formação profissional para a mesma. Contudo os Esportes de Aventura podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física, pois são conteúdos propostos pela Base Nacional Comum Curricular, visando uma sistemática comum ao ensino escolar, sendo que cabe ao professor superar as dificuldades da abordagem destes conteúdos. Salientando o papel das instituições de ensino superior no que diz respeito à abordagem desta temática na formação profissional em Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes de Aventura. Esportes Radicais. Educação Física Escolar. Formação Profissional.

ADVENTURE SPORTS AND THEIR POSSIBILITIES OF APPLICATION IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION: A CLIPPING OF STUDIES IN BRAZIL

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze Adventure Sports in the school environment, as well as its contents, possibilities of qualitative applicability in the classes, besides the problems related to the theme. A bibliographic research was carried out, in which the results were obtained by searching the database of Scielo and Capes by means of combinations of the key words: "Adventure Sports", "Extreme Sports" and "Physical

¹ Acadêmico do curso de Educação Física – Faculdade de Educação/FAED – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. E-mail: rick_paulolescano@hotmail.com

¹ Orientador do Trabalho de Graduação. Professor Dr. da Faculdade de Educação/FAED – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. E-mail: mariovaz@ufgd.edu.br

Education". The nomenclature of this body practice varies widely in relation to the authors due to the fact that it is a relatively new theme. Therefore, it is the target of social prejudices in relation to the practitioners. Most Physical Education training institutions do not address the issue, causing professionals to feel insecure about working these contents in school. It was concluded with this research that the Sports of Adventure have a relevant contribution of contents. Being that the difficulties or insecurities referred to the applicability of this modality are due to the fact of the lack of professional formation for the same one. However, Adventure Sports can be worked on Physical Education classes, since they are contents proposed by the National Curricular Common Base, aiming at a common systematics to school education, and it is up to the teacher to overcome the difficulties of approaching these contents. Emphasizing the role of higher education institutions in addressing this issue in vocational training in Physical Education.

KEY WORDS: Adventure Sports. Extreme Sports. School Physical Education. Professional qualification

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar os Esportes de Aventura no âmbito escolar, bem como seus conteúdos, possibilidades de aplicabilidade de forma qualitativas nas aulas, além das problemáticas referentes ao tema. A problemática relacionada à nomenclatura para a citada modalidade varia muito em relação aos autores, devido ao fato de que se trata de um assunto relativamente novo no âmbito acadêmico, apontando assim uma necessidade de mais estudos sobre o tema, além de discussões com os profissionais da área.

A hermenêutica da nomenclatura Atividades de Aventura, conforme Pimentel (2013 apud SEVERINO, PEREIRA; SANTOS, 2016, p.115), no que diz respeito à nomenclatura: “prefere usar apenas Atividades de Aventura. Ele entende essas atividades situadas no âmbito do lazer e relacionadas aos ambientes imprevisíveis e fora das práticas cotidianas culturalmente estabelecidas pela modernidade”.

Neste contexto, utilizaremos o termo Atividades de Aventura, conforme apresentado anteriormente como a prática em si, contudo utilizaremos o termo Esportes de Aventura para definir o conteúdo, visto que nas aulas de Educação Física diversos conteúdos devem ser contemplados como manifestação de cultura corporal de movimento (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016). Atenta-se ao fato de que quando se trata da prática em si, não se leva em relação assuntos aprofundados como aspectos sociais, habilidades e competências, interdisciplinaridade, respeito com os

indivíduos ou o meio que está inserido, seja social, ambiental ou cultural; que são objetos de estudo direta ou indiretamente da Educação Física.

A motivação para a pesquisa se deu de forma intrínseca e extrínseca, sendo que de forma intrínseca foi à necessidade de busca de possibilidades de aplicação deste tipo de prática corporal nas escolas; bem como a vivência pessoal da prática de alguns Esportes de Aventura, neste caso o Patins, *Skate* e o *Slackline*; e como motivação extrínseca, destacamos a lacuna apresentada na formação acadêmica em concordância a Inácio; Moraes; Silveira (2013 *apud* VAZ *et al.*, 2017, p. 229), no qual destaca que: “a maioria das instituições federais de ensino superior ainda não aborda o tema”, deixando de contemplar este conteúdo na formação inicial de professores na Educação Básica. Outro fator é a necessidade de estudo desta temática que se caracteriza como nova e segundo a literatura científica possui poucos estudos sobre o tema, o que implica em uma dificuldade que precisa ser superada em prol dos profissionais da área de forma a qualificar sua atuação na área da Educação Física, possibilitando tal inserção deste conteúdo, o que por consequência já caracteriza a relevância científica desta pesquisa.

A problemática do trabalho consiste nos seguintes questionamentos: “Por que trabalhar Esportes de Aventura na Educação Física Escolar? ”; “Quais os conteúdos que podem ser observados na Prática de Atividades de Aventura? ”. E por fim: “É possível aplicar Atividades de Aventura nas aulas de Educação Física? ”.

Por isto, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar os Esportes de Aventura como conteúdo da Educação Física Escolar, bem como sua possibilidade de aplicação nas aulas de Educação Física. Sendo que os objetivos específicos consistiram em apontar os conhecimentos específicos da modalidade de Esportes de Aventura; contemplar o papel do professor como colaborador da elaboração e aplicação de conteúdos didático-pedagógico de significância relevante; abordar problemáticas em relação ao material, conteúdo ou estrutura das escolas para a prática dos Esportes e Atividades de Aventura.

A relevância social deste trabalho se configura como um instrumento qualificador para outros profissionais, bem como uma possibilidade de mudar conceitos e preconceitos relacionados à prática de Atividades de Aventura no meio social e o receio de aplicabilidade nas aulas de Educação Física. Sendo assim apresentada mais uma das possibilidades de abordagem no que diz respeito a este leque de conteúdos das aulas de Educação Física,

Assim, utilizaremos como aspecto metodológico para esta pesquisa autores que abordam o tema “Esportes de Aventura” por meio de três pontos principais: Motivação, Desenvolvimento Motor e Formação Profissional.

METODOLOGIA

Essa pesquisa tem como característica pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica abrange materiais já publicados em relação ao tema estudado, que tem como objetivo colocar o pesquisador diante de tudo que já foi escrito.

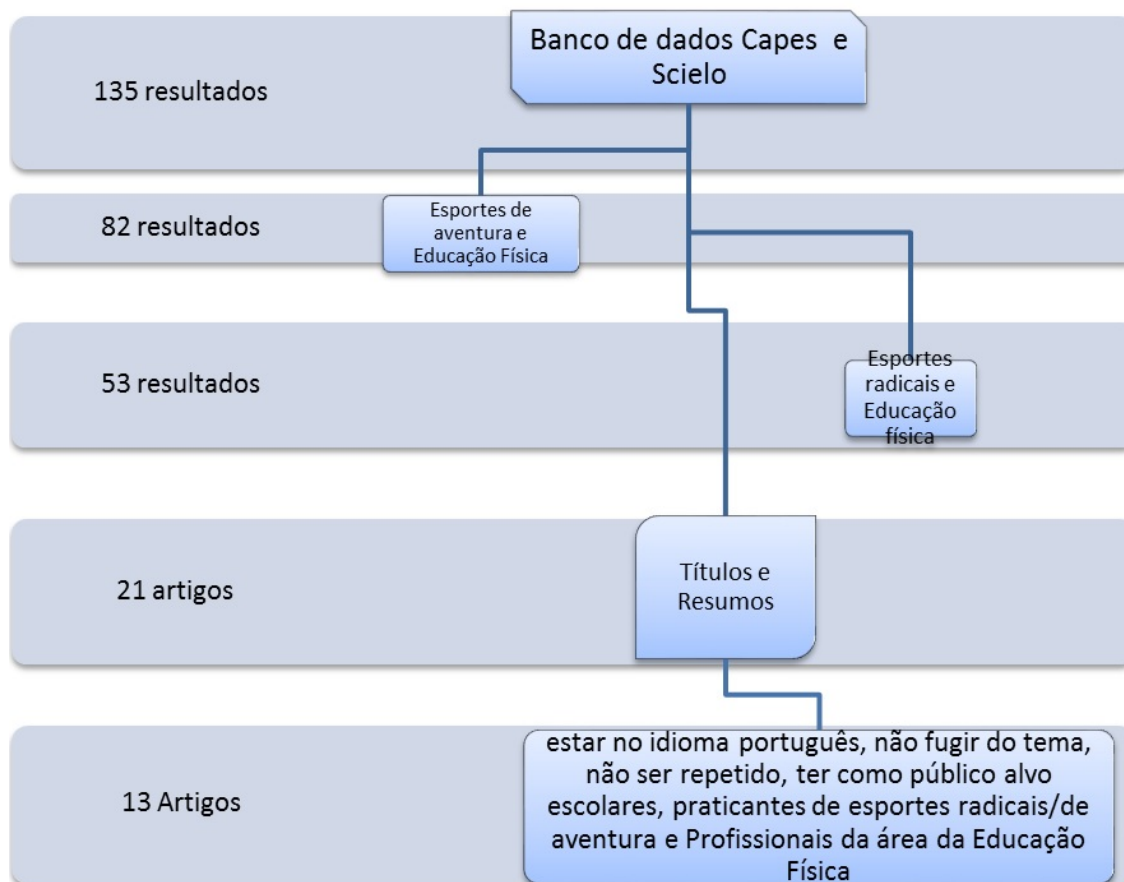
Foi realizada uma busca no banco de dados da Scielo¹ e da Capes² por meio de combinações das palavras chaves: “Esportes de Aventura”, “Esportes Radicais” e “Educação Física”. As combinações de Esportes de Aventura e Educação Física geraram 82 resultados, sendo três na Scielo e 79 na Capes, Esportes Radicais e Educação física geraram 53 resultados, sendo dois na Scielo e 51 na Capes, totalizando 135 artigos. O primeiro processo de análise dos estudos para inclusão foi por meio dos títulos e resumos. Ficando 21 artigos. Os critérios de inclusão foram: estar no idioma português, não fugir do tema em relação aos conteúdos abordados pelos Esportes de Aventura, não ser repetido, ter como público alvo escolares, praticantes de esportes radicais/de aventura e Profissionais da área da Educação Física. Após esse processo restaram 13 artigos. A coleta e análise foram feitas durante o período de Março a Abril de 2017.

Em seguida foi realizada a leitura total e apontamentos individuais de cada um dos 13 artigos restante da filtragem, em seguida um diálogo entre os autores buscando solucionar as problemáticas anteriormente mencionadas.

¹The Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>

² Portal de Periódicos CAPES/MEC. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>

ORGANOGRAMA 1. Organograma do processo de análise e inclusão dos artigos



Fonte: elaborado pelos autores

Severino, Pereira e Santos (2016) abordam uma reflexão sobre as práticas corporais de Aventura, utilizando-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que implica em toda a rede de ensino e referencia a elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas, bem como currículo escolar, formação profissional, material didático-pedagógico e processos avaliativos. Amparados pela constituição Federal de 1998:

Já prevista na Constituição Federal de 1988 (artigo 210), a BNCC decorre igualmente das determinações dos Parâmetros Curriculares, das Diretrizes Curriculares e, particularmente, do Plano Nacional de Educação, já que é mediação fundamental para a implementação das ações previstas nesses documentos. De modo especial, é mediação imprescindível para a implantação do Sistema Nacional de Educação, meta explícita do PNE (art. 13 da Lei 13.005, de 2105). Em tese, toda reformulação curricular deveria pautar-se nos princípios pedagógicos desse documento (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p.108).

Neste contexto, os autores abordam problemáticas sobre a nomenclatura em relação a estas práticas, a estrutura em relação às escolas e a formação profissional do professor. Eles ainda abordam temas estruturais e materiais como fator desafiador, sendo eles os materiais, o espaço, a segurança e o professor. Com isto categorizaremos as temáticas centrais desta pesquisa em: Nomenclatura e Motivação (CORIOLANO; MORAIS, 2011; VIEIRA *et al.*, 2011; PAIXÃO *et al.*, 2012; DUQUE *et al.*, 2015); Desenvolvimento Motor (ARAUJO *et al.* 2012); e Formação Profissional (SUASSUNA *et al.*, 2005; ARMBRUST; LAURO, 2010; ARMBRUST; SILVA, 2012; SANTOS *et al.* 2015; Vaz *et al.* 2017). Sendo que todas estas temáticas direcionadas aos Esportes de Aventura.

Desta forma os Esportes de Aventura possuem uma gama de recursos quanto ao que se refere aos conteúdos a serem estudados ou transmitidos, porém não podem ser analisados como algo externo ou de importância singular, mas sim como um complemento para a formação profissional, social e cultural das aulas de Educação Física e seus envolvidos, uma vez que se configura uma possibilidade de aproximação com o contexto atual de práticas corporais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os Esportes de Aventura já fazem parte da sociedade atual, como é comum vermos pessoas praticando modalidades como o *skate*, patins, *parkour*, *slackline* entre outros esportes nas praças ou parques das cidades. Isto se dá ao fato de que, atualmente esta pratica vêm ganhando uma grande popularidade, devido ao fato de que as pessoas tendem a buscar momentos agradáveis diante da natureza, tais atividades diferem-se em relação a sua prática e objetivos das atividades ditas tradicionais (voleibol, futebol, basquetebol entre outros). Além disto estas Atividades de Aventura necessitam de equipamentos específicos. Porém, este tema configura-se uma lacuna a ser preenchida no que diz respeito aos currículos dos cursos de formação em Educação Física e que as maiorias das universidades federais sequer abordam este tema quanto mais a possibilidade de aplicação nas aulas de Educação Física Escolar (VAZ *et al.* 2017).

Além do aspecto “momentos agradáveis”, a mídia tem papel de suma importância na crescente divulgação de estas modalidades (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016; ARMBRUST; LAURO, 2010; ARMBRUST; SILVA, 2012). Fazendo com que este crescimento influencie no aprofundamento de estudos desta área e amplia

diversos conteúdos que a mídia muitas vezes não aborda destacando apenas o valor de mercado que as Atividades de Aventura podem apresentar, sejam por meio de marcas e produtos, ou do turismo de Aventura.

Destaca-se, também, apoiando-se em Armbrust e Lauro (2010), o preconceito em relação à prática destas modalidades no contexto urbano. Tal preconceito se dá pelo fato de que não condizem com determinado modelo de princípios e valores sociais e muitas vezes são associadas a vandalismo e depredação do patrimônio público. A justificativa para isto é o conflituoso fato de que um banco de uma praça anteriormente usado apenas para sentar-se, agora serve como obstáculos ou suportes para praticantes de modalidades como o *skate*, o *patins* ou o *parkour*, e árvores ou pilares são utilizados como apoio da montagem do aparelho de *Slackline*.

A nomenclatura para as modalidades em estudo varia muito em relação aos autores, podendo ser abordada como Esportes Radicais (ARAUJO *et al.*, 2012; ARMBRUST; SILVA, 2012; PAIXÃO *et al.*, 2012), Esportes de Aventura na Natureza (VAZ *et al.*, 2017), Turismo de Aventura (CORIOLANO; MORAIS, 2011), Esportes de Aventura (CORIOLANO; MORAIS, 2011; SANTOS *et al.*, 2015; ARMBRUST; LAURO, 2010; VAZ *et al.*, 2017), e Práticas Corporais de Aventura (SEVERINO, PEREIRA; SANTOS, 2016). Verifica-se com isto que não há um consenso sobre qual é a melhor nomenclatura para estas atividades ou práticas corporais.

Coriolano e Moraes (2011) diferenciam Turismo de Aventura de Esportes Radicais, sendo que Esportes Radicais são caracterizados pelo aspecto competitivo, praticados sobre condições de risco calculado, incluindo manobras que propiciam fortes emoções. No caso de Turismo de Aventura, é de cunho de entretenimento de leigos, sem caráter competitivo podendo ser praticados em ambientes naturais urbanos e estruturas artificiais e, às vezes, para ser executado, configura-se do fator risco ao qual se faz necessário domínio de técnicas e equipamentos específicos, além de procedimentos que garantam a segurança do praticante e do instrutor, bem como o respeito ao patrimônio sociocultural e ambiental.

Os conteúdos dos Esportes de Aventura no âmbito escolar contemplam aspectos como as demais modalidades normalmente apresentadas, porém esta por sua vez expressa explicitamente o caráter de risco controlado, diz-se explicitamente, pois não há atividade sem “risco” no ambiente escolar, pois há uma imprevisibilidade muito grande quando se trata diretamente com seres humanos. Neste caso estamos apontando os riscos físicos. Pois no Futebol, por exemplo, podemos ter choque entre alunos, no vôlei

pode ser que o aluno tenha lesão ligamentar no tornozelo em um salto, no basquete ou no handebol ou mesmo no atletismo pode haver quedas, ou seja, o risco é implícito. Enfim, no caso dos Esportes de Aventura este risco calculado é explícito, porém este talvez seja o maior atrativo da modalidade. Destacamos que é sensato dizer que quando o aluno se atrai por algum conteúdo, a absorção de conhecimentos referentes a este tende a ser maior do que quando não tem esta atração em relação ao assunto tratado, partindo da premissa da motivação.

Mas o que caracteriza o risco nas aulas de Educação Física? Seria apenas o risco físico? O risco nas aulas de Educação Física é algo positivo ou negativo? Neste contexto precisamos entender o que seria risco, pois este tema pode ser muito amplo, pois como apontam Coriolano e Moraes (2011), o risco a que se referem é o risco físico do praticante, ou seja, a possibilidade de que se ocorra alguma lesão proveniente a prática das atividades de aventura, isto é, “Sensações associadas ao risco constituem característica fundamental da aventura; negá-lo, na atual configuração, é ignorar que suor, arranhões e diamantes convivem com o segmento” (CORIOLANO; MORAIS, 2011, p. 8).

O risco nos Esportes de Aventura consiste no dano físico que pode ser causado em caso de queda, desequilíbrio ou afogamento, situações que podem vir a custar à vida do praticante. Mas convivemos com o risco no dia a dia e nem nos damos conta disto, ao atravessar a rua temos o risco de um descuido e um possível acidente; ao utilizarmos um aparelho elétrico podemos ter algum incidente. Para o controle de riscos nos Esportes de Aventura, Utilizam-se de equipamentos de proteção e conhecimento do professor. Como aborda Armbrust e Lauro (2010), o risco nos acompanha desde a antiguidade, pois antes os seres humanos conviviam em meio aos ambientes extremos, no qual se configurava, na maioria das vezes, necessário passar por lugares de regiões montanhosas, rios, florestas entre outros.

Assim, podemos utilizar o controle de risco dos Esportes de Aventura como conteúdo, uma vez que risco compreende adversidades, podemos levar ao ponto atitudinal e de conteúdo, ou seja, analisar o risco desejado, como aponta Spink (2001 apud ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 800) quando contrapõe a ideia de risco ao que se refere a: “subjetividades dos praticantes em contato com as atividades ou eventos que têm incertezas quanto aos resultados ou consequências, essas incertezas são compreendidas como componentes essenciais e propositais do comportamento humano”. Neste caso é importante ressaltar o papel dos Esportes de Aventura como

fator de superação de desafios, uma vez que consciente dos riscos, o professor pode fazer com que o aluno se sinta capaz de executar determinada atividade.

Outro contexto que se chama atenção nos Esportes de Aventura é a motivação para esta prática como apontam Coriolano e Morais (2011); Vieira *et al.* (2011); Paixão *et al.* (2012); Duque *et al.* (2015) em seus trabalhos. É consensual entre os autores que a característica principal do aspecto motivacional nos praticantes de Esportes de Aventura baseia-se na motivação intrínseca, ou seja, a motivação pessoal, que advém do indivíduo sem que se tenha necessidade de atuação de outros, pois partem do pressuposto que estes se sintam desafiados e busque por si só a superação destes desafios, além do fator “prazer” atrelado a estas práticas.

Mas o que a motivação de praticantes fora da escola tem de relevante quanto à Educação Física Escolar? Qual a interferência destas modalidades na visão do aluno e da sociedade? Partimos do pressuposto que um dos papéis da Educação Física, além de contribuir para a formação do senso crítico e respeito social para com os alunos, de maneira geral, é fazer com que o aluno, mantenha uma prática corporal ativa para além do contexto escolar.

Assim é reafirmada na proposta atual da BNCC, na qual o corpo, os gestos e os movimentos estão no foco de atenção da intervenção pedagógica. Nada mais acertado. O cultivo pedagógico das atividades corporais é o reconhecimento da condição fulcral que o corpo orgânico realiza na própria existência humana. É que a vida, fenômeno universal das espécies, se expressa fundamentalmente como movimento. Não sem razão é o fim do movimento que registra a morte dos organismos vivos. Mas, embora força natural espontânea, presente em toda manifestação viva, no caso da espécie humana, ela precisa ser igualmente alimentada, incentivada, incrementada. E se buscamos educação integral de todos os indivíduos, também essa dimensão do existir corporal precisa ser abordada e sistematicamente desenvolvida (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p.110).

Neste caso, faz-se necessário avaliações quanto ao Desenvolvimento Motor. No que diz respeito a prática de Esportes de Aventura, Araujo *et al.* (2012) aborda este aspecto motor como avaliativo para qualificar as aulas de Educação Física, levando em conta que o Desenvolvimento Motor se caracteriza como mudanças das habilidades motoras recorrentes do comportamento motor ao longo da vida. Leva-se em conta ao aspecto de “Desenvolvimento”, no que se refere a habilidades motoras fundamentais que envolvem os grandes grupos musculares, como habilidades de locomoção e manipulação de objetos.

Araujo *et al.* (2012) abordam temas referente ao desenvolvimento motor, que é um dos conteúdos da Educação Física com um aspecto de grande importância para qualificar as aulas de Educação Física. Seu estudo baseia-se na pesquisa com alunos de duas escolas públicas da região de São Paulo com idade entre nove e 11 anos, matriculados no quarto ano do ensino fundamental I, no qual um grupo de alunos tinha aulas regulares de Educação Física duas vezes por semana, enquanto o outro grupo além destas duas aulas de Educação Física, havia também três aulas de Esportes Radicais. Os autores utilizaram o teste de desenvolvimento de habilidades motoras grossas (TGMD – *Test of Gross Motor Development*) que consiste em dois subtestes, um subteste motor e um subteste de controle de objetos. Com isto chegaram à conclusão de que a idade cronológica entre os dois grupos foi semelhante, porém a idade motora do grupo em que havia aulas de Esportes Radicais foi maior que a idade cronológica, enquanto o outro grupo não apresentou diferença entre as duas idades.

Destacamos como habilidades de locomoção as diferentes direções de locomoção como deslocamento lateral; saltos com um ou ambos os pés de apoio ou sobre objetos; além de equilíbrio estático e dinâmico, ou seja, formas que contemplem a habilidade em se deslocar de um ponto a outro. Já o aspecto referente às habilidades em manipulação de objetos, destacamos as habilidades como arremessar e receber um determinado objeto como uma bola, chutar, rolar algum objeto, quicar uma bola, ou seja, formas que contemplem a habilidade em fazer com que determinado objeto se desloque conforme a vontade de quem o manipula. (ARAUJO *et al.* 2012)

A maioria dos Esportes de Aventura contempla os aspectos motores como fator principal, pois consistem em habilidades de locomoção não sendo fator primordial a manipulação de objetos. Podemos citar nesta vertente, atividades como *Skate* (modalidade na qual o praticante utiliza uma prancha sobre rodas utilizada para andar sobre ou fazer manobras), *Parkour* (modalidade em que o praticante salta por obstáculos como parede, telhado entre outros), Ciclismo (modalidade na qual os praticantes utilizam a bicicleta como forma de locomoção), Montanhismo (Exploração de montanhas, também pode receber a nomenclatura de “*Caving*”), *Bungee Jump* (salto de lugares altos), Rapel (técnica de descida em corda com equipamentos específicos), Paraquedismo, Mergulho, *Rafting* (descida de rios de corredeiras, em botes infláveis), Surfe (modalidade em que se utiliza uma prancha no meio aquático, geralmente nas ondas do mar), *Slackline* (modalidade que consiste em equilibra-se em uma fita de nylon tensionada por meio de dois pontos fixos), entre outros. Com isto concordamos com

Araujo *et al.* (2012) no que diz respeito as habilidades de locomoção, destacando que esta corresponde a base motora da prática de Esportes de Aventura.

Suassuna *et al.* (2005); Armbrust e Lauro (2010); Armbrust e Silva (2012); Santos *et al.* (2015); e Vaz *et al.* (2017) abordam temas referentes a formação profissional diante do tema Esportes de Aventura, levantando aspectos que necessitam ser contemplados pelo profissional de Educação Física, como a competência para com a formação acadêmica, qualificação profissional, interdisciplinaridade, instrumentos metodológicos, contexto social da Educação física quanto ao preconceito entre outros.

Os autores supracitados abordam a necessidade de que o Profissional da área de Educação Física se mantenha atualizado, utilizam-se da temática “Esportes de Aventura”, para qualificar a formação profissional da área da Educação Física, uma vez que a maioria dos cursos de formação em Educação Física não utiliza estes conteúdos, bem como os profissionais raramente aplicam tais conteúdos na escola.

O trabalho de em Severino, Pereira e Santos (2016) no que se refere ao BNCC, sobre a reflexão sobre as Práticas Corporais de Aventura, no caso desta pesquisa, leva em conta que as práticas de Atividades de Aventura não se restringem apenas ao aspecto corporal. Eles buscaram a perspectiva de que houve a criação de um currículo mínimo comum, ao qual tem impacto em toda a rede de ensino e serve de referência para elaboração de PPP, materiais didático-pedagógico, bem como currículo e formação dos professores nas escolas.

Neste contexto, Severino, Pereira e Santos (2016) contemplam a Educação Física, mais especificamente as Atividades de Aventura, sobre o avanço deste documento na busca da sistematização das práticas de ensino nas escolas brasileiras. Com isto, abordam temas referentes aos desafios desta modalidade, sendo destacadas como problemáticas, a nomenclatura em relação ao tema, estrutura em relação à escola e formação profissional do professor, tornando a abordagem desta temática no âmbito escolar um desafio ao qual cabe ao professor superar.

Como apontado, os Esportes de Aventura possuem um papel muito importante no que diz respeito à Educação Física Escolar, configurando-se um instrumento com grande valor educacional. Analisando que podem ser abordados diversos conteúdos, tanto a nível motor, quanto a nível social e cultural. Sendo assim remete ao aluno uma reflexão em prol de assuntos como o preconceito quanto a estas práticas abordado por Armbrust e Lauro (2010), bem como o respeito para com o ambiente a que se realizam tais prática, sejam elas em ambientes urbanos naturais ou artificiais.

Apesar do caráter educacional dos Esportes de Aventura, surgem algumas problemáticas e receios quanto a sua aplicabilidade, conforme Severino; Pereira e Santos (2016) baseando-se na Base Nacional Comum Curricular, no que se refere aos “materiais”, visto que atualmente já se configura um desafio se obter bolas, arcos, raquetes, colchões entre outros, quanto mais *Skates*, aparelhos de *Slackline*, ou pranchas para as aulas de Educação Física da mesma forma o “espaço”, pois, se observarmos apenas a quadra, teremos uma limitação quanto à prática de Atividades de Aventura. Sendo assim a sugestão de Pereira e Armbrust (2010 apud SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016. p.120) é de que o professor mude seu modo de ver as coisas, com isto ele poderá utilizar lugares e objetos de forma a simular obstáculos, podendo para isto utilizar os muros da escola, uma caixa d’água, grades ou até mesmo bancos colocados com segurança, sendo possível assim aplicação destes conteúdos; outro fator, em relação as atitudes do “professor”, que por sua vez atua como mediador entre os alunos e os Esportes de Aventura, precisa avaliar todas as temáticas apontadas anteriormente e buscar uma solução para tais problemáticas. Caracteriza-se, com isto, uma necessidade direta de Formação Profissional deste.

Além do aspecto da formação adequada desde a graduação, caberá ao professor atualizar-se de forma continuada para exercer sua função específica de atuar com aventura em sua escola (FRANCO, 2010). Por um lado, isto remete à condição do Estado criar oficinas sobre o tema e disseminar estratégias que levem ao educador a possibilidade de desenvolver o conteúdo com segurança e confiança. Por outro lado, caberá ao próprio professor à disposição de enfrentar seus medos e dúvidas em relação à prática de aventura e buscar conhecimento diretamente com praticantes experientes para auxiliá-lo em atividades em que não se sente apto bem como com os equipamentos necessários e a cultura da modalidade para que o professor não tire a virtude de cada atividade, mesmo sem a intenção de fazê-lo. (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p.121)

O desafio pertinente quanto à formação profissional se dá ao fato de que a maioria das universidades federais não contempla os Esportes de Aventura como conteúdo; como apontam Inácio; Moraes; Silveira (2013 apud VAZ *et al.*, 2017, p. 229); sendo assim, a falta de profissionais qualificados cientificamente, pode vir a ser uma das prováveis razões desta problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos, com esta pesquisa, de forma significativa, responder as problemáticas propostas para a elaboração desta pesquisa com base nos autores estudados, sendo elas: “Por que trabalhar Esportes de Aventura na Educação Física Escolar? ”; “Quais os conteúdos que podem ser observados na Prática de Atividades de Aventura? ”. E por fim: “É possível aplicar Atividades de Aventura nas aulas de Educação Física? ”.

Desta forma, concluímos que os Esportes de Aventura contribui para o aporte de conteúdos, entre eles a motivação, pois nesta prática é caracterizada como intrínseca, o que pode fazer com que o aluno tenha um maior interesse pelo conteúdo; interdisciplinaridade, sendo que se pode avaliar o contexto da preservação ambiental, seja urbana ou na natureza, pois estas modalidades utilizam-se destes ambientes, mais especificamente das possibilidades que estes ambientes apresentam para a prática; trabalha a coordenação motora de forma desafiadora e divertida; possui um contexto social implícito caracterizado pelo preconceito social aos quais os praticantes destas modalidades são submetidos, que pode ser trabalhado e superado, promovendo uma reflexão sobre os valores ditos como “não tradicionais” na sociedade; e por fim, à superação de desafios diante das adversidades.

Os Esportes de Aventura, aqui caracterizado pelo fator motivacional tem papel de suma importância para a continuidade da prática esportiva para além da formação escolar por parte dos alunos, além da contribuição social que a modalidade pode ser transmitida pelo aluno em relação aos meios sociais e culturais ao qual está inserido, transgredindo, assim, os valores aprendidos e aprimorados na escola para além dos muros da escola.

As dificuldades ou inseguranças remetidas à aplicabilidade desta modalidade se dão ao fato da falta de formação profissional para a mesma, uma vez que muitas vezes não são contempladas nos cursos de Educação Física, visto que as demais problemáticas como o risco calculado, a falta de materiais ou mesmo espaço inadequado também são apresentados nas demais modalidades aplicadas na escola, remetendo ao professor a necessidade de adaptação dos conteúdos em referência aos recursos disponíveis.

Conclui-se, então, que os Esportes de Aventura podem ser aplicados nas aulas de Educação Física, pois são conteúdos propostos pelo BNCC, visando uma sistemática comum ao ensino escolar, sendo que cabe ao professor superar as dificuldades de

aplicação. Sem deixar de apontar o papel das instituições de ensino superior no que diz respeito à abordagem desta temática na formação profissional em Educação Física, uma vez que esta visa preparar o profissional de Educação Física para o mercado de trabalho.

Mesmo que se configurem um tema relativamente novo na Educação Física, necessita ser abordado com mais profundidade, pois parte do pressuposto de que o profissional de Educação Física, especificamente neste estudo o professor, precisa estar em relação direta com seu conteúdo em relação à necessidade social e cultural atual, ou seja, manter-se atualizado e fazer com que o conteúdo estudado seja o mais próximo possível da realidade vivida pelo aluno. Conforme citado anteriormente esta modalidade tem crescido de forma exponencial, o que faz com que na maioria das vezes os alunos já tenham praticado ou assistido alguma prática corporal relacionada a Esportes de Aventura, estimulando a curiosidade destes em relação à prática, o que pode ser abordado como tema das aulas de Educação Física.

Este estudo pode servir como uma base para analisar a aplicação das atividades de aventura no âmbito escolar, porém ainda se fazem necessários novos estudos, já que a temática “Esportes de Aventura” carece de análises científicas para a qualificação da mesma, tanto no que se refere a nomenclatura, quanto ao seu valor diante da Educação Física acadêmica ou escolar. Sendo que novos estudos podem ser propostos tendo como base os Esportes de Aventura, como por exemplo, estudos sobre como os Esportes de Aventura podem ser utilizados como fator motivacional para a prática de atividades físicas extraclasse. Visto que a formação pessoal e social vai além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Mauricio Pires *et al.* Contribuição De Diferentes Conteúdos Das Aulas de Educação Física no Ensino Fundamental I para o Desenvolvimento das Habilidades motoras Fundamentais. *Rev Bras Med Esporte*, v. 18, n. 3, p.153-157 Mai/Jun, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1517-8692&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 31 de Março de 2017.

ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. O Skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz*, Rio Claro, v.16, n.3, p.799-807, 2010 Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/index>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n. 01, p. 281-300, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

CARDOSO, Fernando Luiz; MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. *Rev. Educ. Fis/UEM*, v. 24, n. 4, p. 597-608, 4. trim. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v24n4/07.pdf>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; MORAIS, Elenildo Oliveira. Desvendando Caminhos Do Turismo de Aventura No Brasil. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, v. 1, n.2, p.3-11 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

DUQUE, Rui *et al.* A Prática De Atividades De Natureza Como Forma De Ocupação Do Tempo De Lazer: Dimensões De Saúde e Bem. *Revista de Ciencias del Deporte*, v.11, p.73-74, 2015. Disponível em: <<http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PAIXÃO, Jairo Antônio; *et al.* Prática de mountain bike: fatores intervenientes a sua adesão e permanência pelo praticante. *Motricidade*, v. 8, n. S2, p. 667-675, 2012. Disponível em: <<http://www.revistamotricidade.com/pt/index.html>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

SANTOS, Priscila Mari *et al.* Formação profissional e percepção de competências de estudantes de educação física: uma reflexão a partir da disciplina de esportes de aventura e na natureza. *Rev. Educ. Fís/UEM*, vol. 26, n. 4, p. 529-540, 4. trim. 2015.

Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

SEVERINO, Antonio Joaquim; PEREIRA, Dimitri Wuo; SANTOS, Vinicius Sampaio Feitoza. Aventura e educação na Base Nacional Comum. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 41, p. 107-125, 2016. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hnbsg>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

SUASSUNA, Dulce *et al.* A relação corpo-natureza na Modernidade. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 1, p. 13-22, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial/pid_0102-6992/Ing_en/nrm_iso/Ing_en> Acesso em: 31 de Março de 2017.

VAZ, Jamille Machado *et al.* Percepção de Competências Profissionais de Instrutores de atividades de Aventura na Natureza Atuantes em Florianópolis/SC. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 1., p. 295-310, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento>> Acesso em: 31 de Março de 2017.

VIEIRA, Lenamar Fiorese *et al.* Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate downhill. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.4, p.591-599, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1980-6574&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 31 de Março de 2017.